

Gramaticalização e dessentencialização de construções com predicados de atitude proposicional

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Recebido 20, jun. 2006/Aprovado 16, ago. 2006

Resumo

Recorrendo a dois tipos de construção com predicados matrizes (parecer e achar/crer), diferentes no estatuto argumental da completiva (sujeito e complemento, respectivamente) e semelhantes na codificação das atitudes subjetivas do falante (evidencial/modal epistêmico), mostro a tendência de essas construções se gramaticalizarem e se dessentencializarem, desvinculando-se de suas orações encaixadas e se recategorizando como satélites atitudinais. Essa alteração sintática afeta a construção complexa, que, de biclausal, passa a monoclausal.

Palavras-chave: oração matriz; gramaticalização; dessentencialização; parentéticos.

Introdução

Alguns trabalhos já descreveram usos de construções parentéticas no português brasileiro (PB), entre as quais se incluem os chamados *parênteses modais* (JUBRAN, 2002a,b), sem tratá-las, entretanto, como resultantes de um processo de mudança que ocorre nos domínios de uma construção complexa, envolvendo o encaixamento de uma oração completiva em uma matriz, orientação que pretendo explicitar neste artigo.

No âmbito da lingüística funcional, proposição semelhante a que aqui pretendo desenvolver já foi sugerida para a caracterização dos chamados *parentéticos epistêmicos* (THOMPSON; MULAC, 1991; TRAUGOTT, 2000), com pouca, ou quase nenhuma, atenção dispensada aos aspectos diacrônicos da mudança deste tipo de construção.

Recorrendo a dois tipos de predicados matrizes – de um lado *parecer* e de outro, *achar* e *crer* –, diferentes quanto à estrutura argumental (monovalente e bivalente, respectivamente) e ao estatuto sintático da oração encaixada (posição de sujeito e posição de complemento, respectivamente), mas semelhantes quanto aos valores semânticos e pragmáticos (evidencial/modal epistêmico), em Gonçalves (2003), sob uma perspectiva pancrônica, investiguei o uso desses predicados, sob a premissa de que a alta frequência de uma palavra/construção leva a sua gramaticalização. Comprovei, assim, a tendência de predicados de atitude proposicional se gramaticalizarem como satélites atitudinais,¹ *parentéticos epistêmicos* nos termos de Thompson & Mulac (1991). De predicado organizador de uma estrutura de predicação, passam a se comportar como constituinte não-argumental. Como se pode notar, foquei, nesse trabalho, mais a gramaticalização dos predicados do que das construções em si que eles integram, tomando por base a concepção mais clássica de gramaticalização, aquela centrada na alteração categorial de itens, que, na mudança, tornam-se gramaticais ou, se já gramatical, tem sua gramaticalidade ampliada (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). Exemplificam essa trajetória as ocorrências do português histórico, dadas em (1) a (3) abaixo, para as quais propus um *cline* geral de desenvolvimento categorial, que segue em (4).²

- (1) Valores sintático-semânticos de *parecer*
 - a. **v. pleno** (apresentativo)
... aque-vos um demo vem, que lhe pareceu (=apareceu) em semelhança de um homem (13, DG, p.50)
 - b. **v. suporte de predicação** (apreciação)
E quanto mais lia, tanto ele me parecia melhor. (15,CP, p.215)
 - c. **v. encaixador de proposição** (epistêmico de probabilidade/evidencial)
Ora parece que meu filho serviu maau senhor. (13,DG,p.57)
 - d. **Satélite atitudinal adverbial** (epistêmico/evidencial)
...vindo tão embebedos de suas danças, tendo parece alguma notícia do que se passava. (16,CJ, p.440)

¹ Nos termos da gramática funcional, satélites, em geral, são meios lexicais opcionais de sustentar informação adicional a um dado estado-de-coisas; são opcionais porque, se omitidos, não afetam a boa-formação do enunciado em que ocorrem; sustentam informação adicional porque a informação principal está contida na estrutura do enunciado à qual o satélite é adicionado. **Satélites de atitude** (orientado para o conteúdo proposicional, para o evento ou para um participante) especificam a atitude do falante em relação a um conteúdo proposicional ou a apenas parte dele (DIK et al.,1990).

² No parêntese que segue cada ocorrência, encontram-se a indicação do período de uso da forma e os dados da obra de referência de onde as ocorrências foram extraídas (cf. TARALLO, 1991). Outras ocorrências do português moderno foram extraídas de Gonçalves (2003).

- (2) Valores sintático-semânticos de *achar*
- v. pleno** (encontrar)
Mas u (=onde) vos achou ele? (13,DG,p.68)
 - v. encaixador de predicação** (apreciação)
Manifestou-se, ca (=pois) diz que s'achou pecador muit' (13,CE,p.231)
 - Construção encaixadora de proposição** (epistêmico)
Acho [este lugar] não estar na última perfeição (18,GR,p.8)
 - Satélite atitudinal adverbial** (epistêmico)
Apenas eu e o Couto achamos a não inclusão do pneumatorax "escandalosa", como você fala. Indispensável, achamos (19-20,MA, p.340)
- (3) Valores sintático-semânticos de *crer*
- v. pleno** (crença em alguém)
Seu padre non nos crerá, antes dirá que a matamos (13, DG, p. 75)
 - v. pleno encaixador de proposição** (crença em algo)
Todo christão crea firmemente que huu soo é uerdadeyro Deus (13,FR,p. 127)
 - Construção encaixadora de proposição** (epistêmico)
Creo que esto fezerom por que aqueles lugares erom em tal comarca (15,LO,p.26)
 - Satélite atitudinal adverbial** (epistêmico)
Por mais solenidade que ouvesse, tudo creo terião por pouco (16,CJ,p.448)
- (4)
- | | | | | | | | | |
|----------|---|--------------------------------|---|--|---|--|---|------------------------|
| v. pleno | > | v. encaixador
de predicação | > | v. encaixador
de proposição | > | construção
encaixadora
de proposição | > | Satélite
atitudinal |
|----------|---|--------------------------------|---|--|---|--|---|------------------------|

Pelas ocorrências dadas em (1) a (3), pode-se observar que significados baseados em uma situação externa ((1a), (2a) e (3a)) passam a significados baseados numa situação interna – avaliativa, perceptual, cognitiva – ((1b), (2b)), que, por sua vez, passam a significados cada vez mais assentados na atitude subjetiva do falante ((1c,d), (2c,d) e (3c,d)).

Cumpre-me agora uma volta aos dados para uma reinterpretação que considere uma análise que, para os estágios mais gramaticalizados, vá além do predicado em si, levando em conta as mudanças que afetam a relação entre a oração matriz e a completiva, objetivo que pede uma concepção mais ampla de gramaticalização, como, por exemplo, a oferecida por Bybee (2003, p. 602), que transcrevo abaixo:³

Na literatura recente sobre gramaticalização parece consenso que não é suficiente definir gramaticalização como o processo pelo qual um item lexical torna-se morfema gramatical, mas, ao contrário, é importante dizer que esse processo ocorre em contexto de uma construção particular [...]. De fato, parece mais adequado dizer que é a *construção com seus itens lexicais* particulares que se torna gramaticalizada do que dizer que é o item lexical que se gramaticaliza. (grifos nossos)

Sob essa concepção mais recente de gramaticalização, busco, neste, artigo, verificar, desta vez, quais parâmetros propiciam o “desgarramento”⁴ da oração matriz e a sua atuação

³ The recente literature on grammaticalization seems to agree that it is not enough to define grammaticalization as the process by which a lexical item becomes a grammatical morpheme, but rather it is important to say that this process occurs in the context of a particular construction [...]. In fact, it may be more accurate to say that a construction with particular lexical items in it becomes grammaticized, instead of saying that a lexical item becomes grammaticized. (tradução minha).

⁴ Empresto esse termo de Decat (2001).

como satélite na oração complemento, que passa a funcionar como oração independente. Interessa-me, então, discutir os usos mais gramaticalizados das construções com verbos de atitude proposicional, representadas, no cline de mudança em (4), por *verbo encaixador de proposição* > *construção encaixadora de proposição* > *satélites atitudinais*.

Feitas essas considerações iniciais, na próxima seção, apresento conceitos operacionais, para nas seções seguintes: (i) discutir e analisar as construções com predicados de atitudes proposicionais, a partir de parâmetros formais e funcionais; (ii) defender a proposta de gramaticalização e dessentencialização dessas construções; e, (iii) mostrar, diacronicamente, os efeitos da frequência na mudança de uso dessas construções. Reservo a última seção às considerações finais.

Os complementos de predicados atitudinais: conceitos operacionais

Por *complementação* deve-se entender o mecanismo sintático que surge quando uma predicação é estruturada como argumento de um predicado. Predicado completável por argumentos complexos é chamado *predicado matriz*, e a oração que contém esse predicado como núcleo é a *oração matriz*. Alternativamente, a estrutura de complementação de um predicado matriz é também referida como *oração encaixada* ou *subordinada* (NOONAN, 1985; DIK, 1997).⁵

Estruturalmente, a definição de construções encaixadas se completa por referência às posições argumentais que elas ocupam no complexo oracional, propriedade dependente da estrutura argumental do predicado matriz: nas posições A1, de primeiro argumento (*parece [que...]*), A2, de segundo argumento (*X acha/crê [que...]*), ou A3, de terceiro argumento (*X convence Y [de que...]*).⁶

Relativamente ao seu estatuto semântico, predicados matrizes comportam diferentes tipos de construção encaixada: *predicação*, *proposição* e *ato de fala*, como se observa nas ocorrências abaixo.

- (5) a. E ante que fosse longe daquele lugar vi *vir dom Tristam em pos mim* (13, DG, p. 68)
 b. E elles vendo *que não podyam ter a villa*, ouveram por ben de a dar pello melhor preito que podesse, ante que seus inimigos soubessem sua myngua (14, CG, p. 336)
 c. E disse *Deus a Moysés que partisse todo o esbulho iugualmente antre os que lidarom* (15, BM, p.145)

Pode-se observar, em (5), que o mesmo predicado *ver* assume valores diferentes: percepção visual (= enxergar), em (5a), e percepção mental (=perceber/concluir), em (5b). No primeiro caso, o que de fato foi visto é (a ocorrência de) um estado-de-coisas, enquanto, no segundo caso, o que se percebe é um

⁵ Neste artigo, uso intercambiavelmente os termos *subordinação*, *complementação* e *encaixamento* e seus correlatos.

⁶ Estou, aqui, assumindo, junto com Dik (1997) e Noonan (1985), a existência de sujeitos oracionais em posição A1. Para uma discussão que coloca em xeque a existência de sujeitos oracionais em português, remeto o leitor a Kato & Mioto (2000) e a Mira Mateus et al. (1989).

“fato possível”. As coisas as quais se pode dizer que as pessoas percebem/concluem/acreditam não são estado-de-coisas; são antes “conteúdos proposicionais”, entidade que, submetida a uma avaliação em termos de sua verdade, pode ser motivo de surpresa ou dúvida, de menção ou negação, de rejeição e de lembranças, de verdade ou falsidade. Assim, diferentemente de *estado-de-coisas*, que, localizados no espaço e no tempo, podem ser avaliados em termos de sua realidade, *conteúdos proposicionais*, também localizáveis no espaço e no tempo, podem ser avaliados somente em termos de sua verdade, casos em que se enquadram os complementos encaixados nos tipos de predicados enfocados neste trabalho. *Atos de fala*, como o mostrado em (5c), e incluindo outros tipos de verbos *dicendi*, são entidades que, também localizadas no espaço e no tempo, podem ser avaliadas não em termos de realidade ou de verdade, mas em termos de suas condições de felicidade (DIK, 1997).⁷

Passando agora a tratar mais especificamente dos predicados de atitude proposicional, esses são predicados que tomam por escopo uma proposição para, sobre a verdade que ela veicula, incidir a atitude de crença do falante. Como *predicados não-factivos*, por recurso a predicado atitudinal, o falante não se compromete nem com a verdade nem com a falsidade da proposição encaixada; o estado-de-coisas codificado na proposição é sempre passível de verificação, embora a proposição seja, em muitas vezes, apresentada “por aquele que nela acredita como verdadeira” (DIK, 1997, p. 109). Nesse sentido, como afirma Noonan (1985), a atitude proposicional é considerada sempre positiva.⁸

Essas marcas subjetivas do falante constituem o que Benveniste (1991) caracterizou como a *subjetividade da linguagem*. *Subjetivização*, entretanto, refere-se ao processo por meio do qual os usuários da língua, no curso do tempo, desenvolvem significados novos para formas já existentes, que passam a codificar perspectivas e atitudes, que são baseadas nas características do evento comunicativo, e não nas características de uma situação referente ao “mundo real”. É, assim, um mecanismo bastante permissivo para a mudança semântica, que se implementa por metaforização ou metonimização. O termo *subjetividade*, nessa abordagem, refere-se, então, aos mecanismos que as línguas naturais colocam à disposição do agente locucionário para a *expressão de si mesmo* e de suas atitudes e crenças (TRAUGOTT; DASHER, 2001). Na identificação desse processo, assumem especial relevância os meios lingüísticos que permitem a expressão da modalidade epistêmica (ME, daqui em diante) e da evidencialidade (EV, daqui em diante), categorias que, em relação a um conteúdo proposicional, revelam, respectivamente, o grau de comprometimento do falante e algo sobre a fonte do saber em que tal conteúdo se sustenta (WILLET, 1988).

⁷ Para um excelente quadro tipológico de predicados que tomam complemento oracional, remeto o leitor a Noonan (1985).

⁸ Predicados do tipo de *duvidar*, *negar*, *recear* etc expressam uma atitude proposicional negativa (NOONAN, 1985).

Além de ME, construções com predicados do tipo de *parecer*, *achar* e *crer* permitem também a expressão de EV, ambos os valores constitutivos da diluição da responsabilidade pelo “dito”. *Crer* e *achar*, mais claramente, apontam o falante como fonte de uma evidência, enquanto *parecer* aponta-o apenas como fonte de uma inferência, cuja base da evidencia (visual, relatada, raciocínio) não é revelada.

Como formas de expressão de atitudes subjetivas do falante, orações matrizes com predicados atitudinais podem apresentar marcas do experienciador, seja por meio do sujeito gramatical, nos casos de completivas em posição A2 (6b,c), seja por meio do clítico dativo, no caso de completivas em posição A1 (6a), marcação esta já bastante rara no PB contemporâneo. Assim a opção que o falante tem de deixar ou não marcas de sua atitude subjetiva, implica uma escolha estrutural para o encaixamento da oração completiva: na posição de A1 (6a) ou na posição de A2 (6b), respectivamente.

- (6) a. E por esto, Senhor, a mym *parece* que dos livros que vi de philosaphia, este avantejadamente *enssyna* a cobrar o que os outros fazem amar e desejar. [...] E deste velume os primeiros dous livros, segundo meu juizo, me *parecem* que tem vantagem do Terceiro, e aquelles achei mais claros. O Terceiro achey muito scuro, por que reconta estoria e exemplos, e *parece* que *screvia* a quem as sabia. (15,LO, p. 4)
- b. Então por isso que eu *acho* que, mesmo que se eu não tivesse feito pré-vestibular, eu *acho* que eu *passaria* no vestibular (20, NURC/RJ-DID-001)
- c. De Platom eu *creyo* que, se quisera trauctar daquesta maneira de disputaçom, que mui sobedormente e mui avondosamente *podera* falar ... (15, LO, p. 9)

Sob a crença funcionalista de que o uso da língua motiva, restringe, explica ou mesmo determina a estrutura gramatical, Thompson (2002) e Bybee (2002) defendem que a subordinação deve ser tratada não como uma noção estritamente sintática, mas como uma noção mais pragmática, e é justamente a riqueza pragmática de orações matrizes que faz delas um domínio propício para o desencadeamento de processos de gramaticalização, quando comparadas às orações encaixadas, que constituem um domínio mais resistente à mudança (cf. BYBEE, 2002, p. 18). Sob tal assunção, passo, na seção seguinte, a explicitar parâmetros formais e funcionais, para advogar em favor de uma fraca ligação sintática envolvendo as construções encaixadas em predicados atitudinais, relação que propicia inovações no complexo oracional envolvente.

Parâmetros formais e funcionais de construções com predicados atitudinais

Um primeiro parâmetro a se investigar nas relações entre matriz e encaixada diz respeito à *dependência de referência tem-*

poral. Em qualquer oração complexa envolvendo construções com predicados atitudinais, a oração encaixada tem referência temporal independente do tempo da matriz (NOONAN, 1985), como se observa em (7).

- (7) a. E por esto, Senhor, a mym parece que dos livros que vi de philosaphia, este avantejadamente enssyna a cobrar o que os outros fazem amar e desejar. [...] O Terceiro [livro] achey muito scuro, por que reconta estoria e exemplos, e parece que screvia a quem as sabia. (15,LO, p. 4)
- b. Mas, porque creio (que) se irá amenhã, abreviarey como puder e acabarey com lhe dar novas das muytas impresas que se aparelhão pêra os que lá vierem. (16,CJ, p. 449)

O tempo codificado na encaixada, embora definível em relação ao tempo da “crença” codificado na matriz, pode ser coincidente com ele (*parece-ensina*, em (7a)), anterior (*parece-escrevia*, ainda em (7a)) ou posterior (*creio-irá*, em (7b)) a ele.

No que se refere aos *valores semântico-pragmáticos*, em seus usos já gramaticalizados, mas ainda não-parentéticos, os predicados em análise expressam atitudes proposicionais positivas em relação à proposição encaixada em seu complemento. Por comodidade, repito em (8), ocorrências ilustrativas desses casos.

- (8) a. Ora parece que meu filho serviu maau senhor. (13, DG, p.57)
- b. Acho [este lugar] não estar na última perfeição (18, GR, p.8)
- c. Creio que esto fizeram por que aqueles lugares erom em tal comarca (15, LO, p.26)

Em (8), é mais provável que a oração matriz expresse primeiramente uma asserção sobre a crença do falante do que sobre o conteúdo proposicional. É possível, entretanto, usar a construção em que ocorre o predicado matriz parenteticamente, como satélites, de tal modo que a asserção invista-se sobre o complemento proposicional, especialmente nesses casos de primeira pessoa do singular e de tempo presente. Funcionando como satélite, a construção parentética é mais livre que o usual: o “predicado e seu sujeito”, quando é o caso, podem ser colocados em posição inicial, medial ou final da sentença.

- (9) a. E os seus, que como digo, vinhão tão embebedos em suas danças, [tendo parece alguma notícia do que se passava], supitamente se callarão. (16, CJ, p. 440)
- b. E sempre os mesmo Indios o esperão no tal tempo e tem-lhe tanto respeito que, por mais solenidade que ouvesse nos seus bautismos, [tudo creio terião por pouco, costuma] (16, CJ, p. 448)
- c. Apenas eu e o Couto achamos a não inclusão do Pneumatorax “escandalosa”, como você fala. (...) [Indispensável, achamos.] (19, MA, p. 340)

Em uma interpretação das ocorrências acima, é bem mais provável que a asserção principal constitua uma afirmação sobre o conteúdo da oração em que a construção parentética ocorre do que sobre o estado de crença do falante. A função do satélite

nessas sentenças é “modificar ou enfraquecer a afirmação da verdade que seria implicada por uma simples asserção” (NOONAN, 1985, p. 86).

Não parece demais chamar a atenção para o fato de que esse funcionamento só se instancia na verificação do parâmetro *presença de subordinador*. O complementizador *que*, marca de subordinação, não é usado quando a construção ocorre parenteticamente, características dos parentéticos de um modo geral. Entretanto, no processo de gramaticalização, essa dispensabilidade do complementizador é gradual, como se observa com *parecer* em (10) abaixo, possível de ser parafraseado por *achar* e *crer*, mudança que segue acompanhada de uma maior liberdade de posição sintática da construção em que ocorre o predicado atitudinal.

- (10) a. nós nos casamos no civil... parece (acho/creio) que de manhã (20, NURC/RJ-DID-71)
 b. [o pedágio] passou para parece (acho/creio) que setenta cruzeiro (20, PEUL/CEN-E32)

Restritas à posição medial, construções parentéticas como (10), que rompem a estrutura de constituinte da oração simples, caracterizam-se pela presença do “complementizador” *que* ainda atrelado ao “predicado atitudinal”, não escopando mais um complemento oracional, como em (8), mas apenas um constituinte da oração principal: em (10a), um adjunto temporal, e, em (10b), um objeto de preposição. Observe que a incerteza do falante, em (10a) diz respeito apenas ao horário do casamento, e em (10b), ao novo valor do pedágio, e não sobre os estados-de-coisas em si, codificados na proposição. Esses casos constituem argumento para afirmar uma das propriedades da gramaticalização: a união/compactação, ou, nos termos de Traugott (2002), *o congelamento interno da oração principal*, que, nesse uso, não é mais analisada como [oração principal] + [complementizador], mas um só constituinte, originado na *reanálise* de um uso anterior, em que, claramente, o complementizador introduz um complemento oracional finito, como mostro em (11).

- (11) a. Muitas mães parecem que fazem das filhas o que elas queriam pra elas. (20, PEUL/TEN-27)

Uma possível correlação para os usos mostrados em (10), parentéticos ainda com “complementizador”, pode ser buscada nos casos de topicalização do sujeito da encaixada, colocado em posição anteposta ao verbo da matriz (11a). Nesse uso, a seqüência [oração matriz] + [complementizador] parece romper a estrutura canônica da oração [*muitas mães fazem das filhas...*], o que pode levar o ouvinte a uma reinterpretação induzida pelo contexto e a proceder da mesma forma em qualquer parte da oração. Feita essa reanálise, o complementizador, não mais funcional,

é apagado, e mais claramente a construção passa a assumir as propriedades de satélites atitudinais, tornando-se constituinte não-argumental e de posicionamento livre no interior da construção. Há de se observar que, semanticamente, a presença do “complementizador” marca com clareza o constituinte que ele escopa, o que nem sempre é claro quando é apagado, e a construção parentética ocorre em posições iniciais ou mediais.

Na verdade, usos como os mostrados em (10) podem representar que a posição assumida pela “oração matriz” no interior da “oração complemento” faz diminuir (e não eliminar) o grau de incerteza que recairia sobre toda a proposição (“parece [que nós nos casamos no civil de manhã]”, “parece [que o pedágio passou para setenta cruzeiro]”). Sob tal hipótese, o elemento escopado deve ser interpretado como sendo ele o portador de menor grau de comprometimento com a verdade do seu conteúdo, havendo, assim, um desequilíbrio entre o comprometimento do falante com a verdade de *toda* a proposição e com a verdade de *apenas* parte dela.

Sobre o parâmetro *marca de subordinação*, sua ausência tem como efeito sintático tornar a oração complemento uma oração independente.

Para construções parentéticas, um outro parâmetro relevante para a dessentencialização do complexo oracional é a *atuação de operadores de negação*. Somente predicados afirmativos ocorrem em construções parentéticas, de modo que, com “predicado” negado, a sentença torna-se inaceitável, porque se nega o que acabou se afirmar. A ocorrência em (12a) e sua paráfrase (12a’) são exemplos dessa restrição.

- (12) a. naquele tempo não se tomava uísque tomava-se chope então tinha um barrilzinho de cho:pe uns... uns sanduíches... naquele tempo devia ser presunto e queijo ... parece ... eu não me lembro bem ((risos)) mas devia ser assim. (NURC/RJ-DID-71)
- a’. */? naquele tempo devia ser presunto e queijo ... não parece ...

Mesmo nos casos de construções não parentéticas com predicados atitudinais, a negação tem escopo restrito ao conteúdo da oração encaixada, nunca incidindo sobre a crença veiculada na oração matriz, ainda que ela contenha algum operador de negação. Observe (8b’), que é uma boa paráfrase de (8b), cujo conteúdo proposicional ocorre negado.

- (8) b. Acho [este lugar] não estar na última perfeição (18, GR, p.8)
= acho que este lugar não está na última perfeição
- b’. **não acho** [este lugar] estar na última perfeição.
= não acho que este lugar esteja na última perfeição

Além dos parâmetros acima explicitados, também *parâmetros morfossintáticos* (tempo/modo e pessoa/número) envol-

vidos no entrelace da oração matriz à completiva apresentam relevância para a discussão da dessentencialização do complexo oracional envolvendo tais predicados. Em Gonçalves (2003), valendo-me de dados quantitativos, mostrei que, nos estágios mais gramaticalizados, construções com os predicados *parecer*, *achar* e *crer* apresentam uma invariabilidade em relação aos parâmetros morfológicos de pessoa e de tempo: enquanto *parecer* se fixa na 3ª. pessoa, sem marcas formais de subjetividade, *achar* e *crer* fixam-se na 1ª. pessoa, todos no presente do indicativo, o que favorece a interpretação de uma maior gramaticalidade de *parecer*, como marcador gramatical de modalidade epistêmica/evidencialidade. Essa invariabilidade morfológica será mais bem discutida adiante.

Até aqui, tive por objetivo explicitar a integração sintática fraca entre a oração matriz com predicado atitudinal e a oração encaixada, ou ainda a fraca dependência entre elas, como também atesta Bybee (2002, p. 3) para complementos de outros predicados epistêmicos e evidenciais. Para tanto, recorri aos seguintes critérios: (i) referência temporal independente; (ii) escopo da negação restrito ao conteúdo da oração encaixada; (iii) perda de complementizador e de posição sintática fixa, com conseqüente redução valencial; e, (iv) restrições flexionais (tempo, modo, pessoa e número do predicado matriz). Esses critérios, ao mesmo tempo em que revelam uma integração fraca entre matriz e encaixada (BYBEE, 2002), podem também ser vistos como causas/motivações que levam ao “desgarramento” e à conseqüente gramaticalização da construção matriz. Mesmo nos estágios anteriores ao “desgarramento”, orações matrizes com predicados atitudinais mantêm com sua encaixada uma fraca integração sintática, reflexo de suas propriedades semântico-pragmáticas.⁹

Gramaticalização e dessentencialização de construções

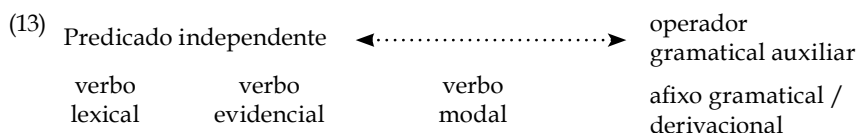
Confirma o resultado da aplicação dos parâmetros funcionais e formais apresentados acima, a sua interpretação à luz da proposta de Lehmann (1988) sobre grau de integração de orações.

Enfatizando o contínuo existente entre *coordenação* e *subordinação*, Lehmann propõe seis parâmetros aferidores do grau de integração de oração, correlacionados, porém independentes, quais sejam: (i) rebaixamento da oração subordinada a constituinte da principal; (ii) nível sintático de integração da subordinada à principal; (iii) dessentencialização da subordinada, que passa a constituinte simples da principal (seu verbo torna-se não finito; seu sujeito é perdido ou torna-se oblíquo); (iv) gramaticalização do verbo matriz; (v) entrelaçamento das duas orações (partilha de elementos); e, (vi) grau de explicitude da integração (presença de conectores).

⁹ Dik (1997) já observara que orações matrizes que servem para abrandar a força asseverativa do conteúdo da encaixada funcionam apenas como uma ‘nota-de-rodapé’ modal e não uma declaração em si.

Para a discussão dos casos de construções com predicados atitudinais, desses seis parâmetros de Lehmann, destaco (iii) e (iv), que dizem respeito ao modo de redução de uma oração complexa. Tanto na dessentencialização da oração complemento quanto na gramaticalização da construção matriz, observa-se uma modificação na estrutura complexa, que de biclausal passa a monoclausal (cf. THOMPSON, 2002).

Relativamente ao parâmetro *dessentencialização*, uma oração complemento pode se reduzir ao seu centro (o predicado da encaixada), tornando-se uma nominalização ou um constituinte de natureza adverbial, ambos atuantes na oração matriz. Dentre os componentes que restritivamente atuam na dessentencialização de orações encaixadas, Lehmann (1988, p. 193) inclui: força ilocucionária, tempo, modo e aspecto, actantes e circunstantes de funções sintáticas variadas. Sobre o parâmetro *gramaticalização do predicado matriz*, o previsto é que, dependendo do grau de gramaticalização do predicado, a sentença toda deixe de ser sintaticamente complexa, podendo o predicado chegar a afixo gramatical operante no que restou da oração complexa. Lehmann (1988, p. 204) oferece o seguinte contínuo de gramaticalização de predicados matrizes:



Esse contínuo não parece suficiente para explicar a mudança das orações matrizes discutidas neste artigo. Entretanto, é possível apreender dele ao menos os valores *lexical* > *evidencial* > *modal* dos predicados das construções atitudinais em seus estágios mais gramaticalizados. Sob tal consideração, como parece óbvio, a mudança não leva as construções até o ponto terminal do *cline* em (13), razão atribuída primeiramente ao fato de a proposta de Lehmann tratar de gramaticalização de predicados e não de construções. Além disso, a não necessidade de um percurso completo de gramaticalização já foi bastante enfatizada na literatura sobre o assunto (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1993, entre outros).

Na verdade, para as construções com predicados atitudinais, o mais prudente, segundo os dois parâmetros de Lehmann aqui considerados, parece ser mesmo tratá-las tanto como casos de dessentencialização do complexo oracional *matriz* + *encaixada* quanto de gramaticalização da oração matriz, uma vez que: (i) no que respeita à força ilocucionária, a construção gramaticalizada, parentética, mantém ilocução independente do restante da oração na qual ela passa a atuar como simples modificador de caráter pragmático, semelhante aos satélites atitudinais de

natureza adverbial; (ii) quanto ao tempo, modo e aspecto, os predicados tornam-se invariáveis, fixando-se na forma de presente, deixando livre a referência temporal da oração em que ocorre; (iii) quanto aos actantes, *achar* e *crer* se restringem a sujeitos de 1^a. pessoa e *parecer* neutraliza totalmente a expressão de pessoa, assumindo a forma não-marcada de 3^a. pessoa.

Lehmann (1988) não faz referência à possibilidade de orações matrizes se tornarem satélites, recategorização que, em sua proposta, fica restrita ao âmbito da oração complemento. Surpreendentemente, os casos aqui analisados são mais congruentes com os critérios postos para a dessentencialização da encaixada do que com a gramaticalização do predicado matriz. Essa direção inversa não implica a anulação dos critérios investigados, antes abre a possibilidade de interpretar que, ao mesmo tempo em que se recategorizam como satélites (gramaticalização, portanto), as orações matrizes se dessentencializam e modificam o estatuto sintático da oração complemento.

Adicionalmente aos critérios aqui discutidos, importante na gramaticalização de construções, sobretudo as identificadas com processos de subjetivização, é a apuração da frequência das formas que a facultam, assunto que passo a tratar na seção seguinte.

Os efeitos da frequência de uso: um percurso diacrônico

Dois métodos de apurar a frequência são relevantes nos estudos lingüísticos: um que conduz à frequência *token* e outro à frequência *type*. *Token* ou frequência textual é o número de ocorrências de uma unidade, geralmente uma palavra ou morfema, independentemente do significado que ela veicula. A frequência *type* refere-se à frequência de um padrão particular de dicionário (BYBEE, 2003).

Tem sido tendência associar o crescimento de frequência *type* – aqui entendida como deslizamentos funcionais ou diversidade de funções verificadas na gramaticalização – ao aumento de frequência *token*. Entretanto, adverte Bybee, a alta frequência não resulta em gramaticalização, mas apenas indicia sua identificação.

Discutindo as conseqüências da ritualização, Bybee argumenta que a repetição freqüente de uma construção desempenha importante papel nas seguintes mudanças associadas à gramaticalização: (i) enfraquecimento de forças semânticas pelo hábito, que faz que um organismo deixe de responder, com mesma eficácia, a estímulos repetidos; (ii) mudanças fonológicas de redução e de fusão de formas; (iii) maior autonomia da forma, que propicia a neutralização de componentes individuais (flexão, estrutura argumental etc) presentes em usos menos gramaticalizados; (iv) extensão de uso da forma a novos contextos com novas associações pragmáticas; (v) preservação de marcas morfológicas originais.

Para explicitar o papel da frequência na gramaticalização e dessentencialização das construções com *parecer*, *achar* e *crer*, considero suas frequência de uso, ao longo dos séculos XIII a XX, também um dos parâmetros responsáveis pela constituição de construções com significados cada vez mais assentados em atitudes subjetivas. Na determinação da frequência *type*, valho-me dos parâmetros funcionais e formais discutidos anteriormente. As alterações qualitativas já apontadas para os diferentes tipos de construções com *parecer*, *achar* e *crer* (v. (1) a (3) acima) são mais bem esclarecidas pela suas frequências *token* e *type* (em números absolutos) mostradas na tabela 1.

Períodos (século)		XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	Total
Tipos sintático/semânticos										
PARECER (types)	Construção com v. pleno (apresentativo)	5	1	4	2	4	2	0	0	18
	Construção com v. encaixador de proposição (ME/EV)	1	3	17	32	15	29	14	19	130
	Construção com v. pleno comparativo (de aspectos físicos)	0	0	1	9	3	3	5	4	25
	Construção com v. suporte de predicação (apreciação)	0	0	9	16	13	46	15	18	117
	Construção com v. modal (ME/EV)	0	0	3	1	6	3	3	0	16
	Construção como satélite atitudinal (ME/EV)	0	0	0	2	2	3	0	3	10
TOTAL (tokens)		6	4	34	62	43	86	37	44	316
ACHAR (types)	Construção com v. pleno (encontrar)	27	26	23	42	40	83	20	9	270
	Construção com v. encaixador de proposição (percepção/EV)	4	0	3	4	2	1	0	0	14
	Construção com v. encaixador de predicação (apreciação)	1	0	3	3	3	7	9	23	49
	Auxiliar perifrástico (decidir, resolver)	0	1	0	0	0	0	0	0	1
	Construção encaixadora de proposição (ME)	0	0	0	0	0	2	1	16	19
	Construção como satélite atitudinal (ME)	0	0	0	0	0	0	0	1	1
TOTAL(tokens)		32	27	29	49	45	93	30	49	354
CRER (types)	Construção com v. pleno (crer em alguém)	1	5	0	0	0	0	3	0	9
	Construção com v. pleno encaixador de proposição (crer em algo)	3	7	0	0	0	0	5	0	15
	Construção encaixadora de proposição (ME)	0	0	3	10	2	11	18	16	60
	Construção como satélite atitudinal (ME)	0	0	0	2	0	1	5	4	12
TOTAL (tokens)		4	12	3	12	2	12	31	20	96

Tabela 1: Frequência *token* e *type* na evolução

diacrônica de construções com parecer, achar e crer

Do período de emergência à perpetuação na língua, é possível propor que os diferentes usos de cada uma das construções se desenvolvem das respectivas construções em que figura um verbo pleno, tipos mais frequentes nos períodos mais iniciais. As construções mais recorrentes com *parecer* e *achar* apresentam um aumento crescente de frequência *token* até o século XVIII, momento em que mais frequentemente passam a compartilhar suas funções com *crer*. Dos tipos de construções investigadas, a com *achar* é a mais resistente à mudança, quando se verifica sua persistência em construções com o verbo pleno original, em todos os séculos. Entretanto, as três se aproximam no quadro evolutivo, à medida que, muito cedo, permitem encaixamento de conteúdos proposicionais, assinalando, ainda de modo não muito explícito, as atitudes subjetivas do usuário.

Como construções que, epistemicamente, promovem o descomprometimento do falante em relação ao conteúdo proposicional nelas encaixado, a construção com *parecer* é pioneira (séc. XIII), seguida das construções com *crer* (séc. XV), função que construções com *achar* experimentarão somente no séc. XVIII. A completa alteração funcional, de construções com predicador a satélites parentéticos, emerge no mesmo período para as construções com *parecer* e *crer* (séc. XVI), e só mais tardiamente, no séc. XX, para as construções com *achar*. Importa enfatizar que, na coexistência de diferentes *types*, é reconhecido um estatuto mais gramaticalizado da oração matriz (satélites atitudinais), ou mais dessentencializado, do complexo oracional como um todo, em relação às construções originais com verbos plenos.

A perspectiva histórica, segundo Traugott & Dasher (2001), é sempre o melhor recurso para se reconhecer nas línguas a emergência de significados que tendem a se ampliar para codificar o estado de crença subjetiva do usuário. Assim é que os resultados abaixo mostram a forte correlação entre a mudança categorial das construções em análise e suas mudanças morfossintáticas referentes à expressão de pessoa e de tempo (primeira (1P), segunda (2P) e terceira (3P) pessoas e tempos presente, futuro e pretérito).

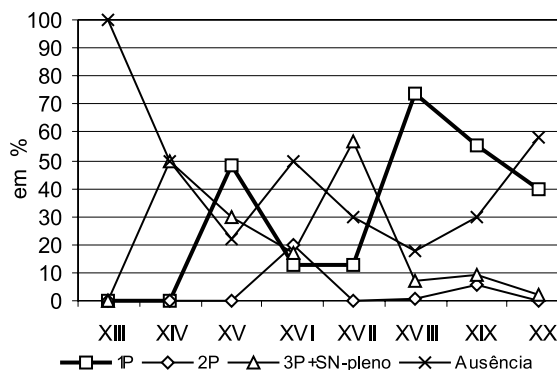


Figura 1 – Evolução da expressão de forma

dativa de 'parecer' (século XIII a XX)

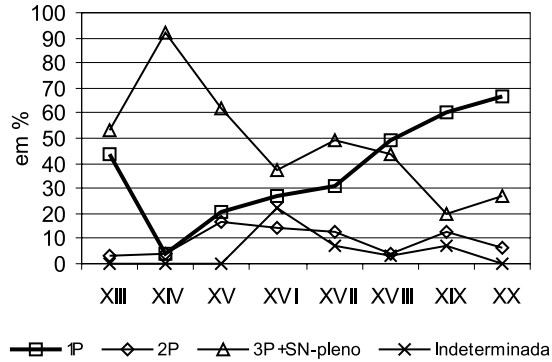


Figura 2 – Evolução da expressão de pessoa do SN-sujeito de 'achar' (século XIII a XX)

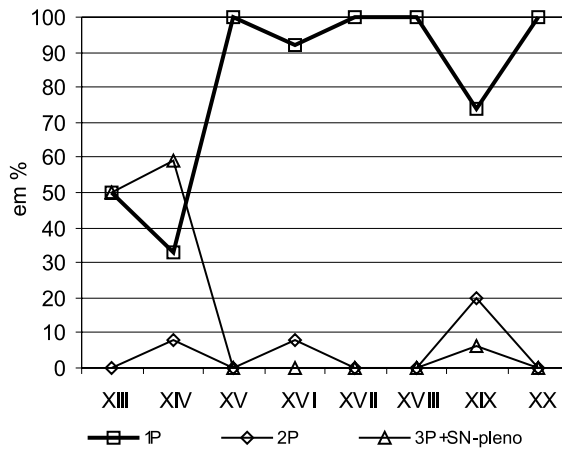


Figura 3 – Evolução da expressão de pessoa do SN-sujeito de 'crer' (século XIII a XX)

Nas figuras 1 a 3, observa-se, como tendência geral, o crescimento das marcas de 1P, oscilante nas construções com *parecer*, até o séc. XVII, mas contínuo para as construções com *achar* e *crer*, a partir do séc. XIV, comportamento que leva ao conseqüente decréscimo do uso da

3P. Não ultrapassando os 20%, os picos para 2P (séc. XVI e XIX) explicam-se pelo gênero epistolar dos textos investigados.

É do século XVII para o XVIII que a 1P começa a se fixar nas construções com *parecer* e *achar*, mais para aquela do que para esta, constatação que identifica estratégias de subjetivização primeiramente mais para as construções com *parecer* e *crer* do que com *achar*. Com *crer*, são até mesmo mais anteriores (séc. XIV), justificadas pelo valor de crença inerente ao verbo.

Observe-se que a ausência de marca de dativo nas construções com *parecer* é a mais forte concorrente da 1P, em todos os séculos. No séc. XX, entretanto, a marca de pessoa tende a se neutralizar, prevalecendo a sua ausência, constatação importante para afirmar o caráter mais gramatical das construções com *parecer* sobre as demais construções, que ainda expressam marca de pessoa.

Sob esse mesmo prisma, as figuras 4 a 6 revelam o comportamento da expressão de tempo.

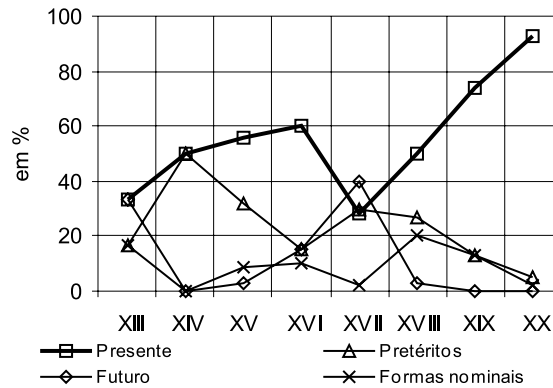


Figura 4 – Expressão de tempo morfológico de 'parecer' (século XIII a XX)

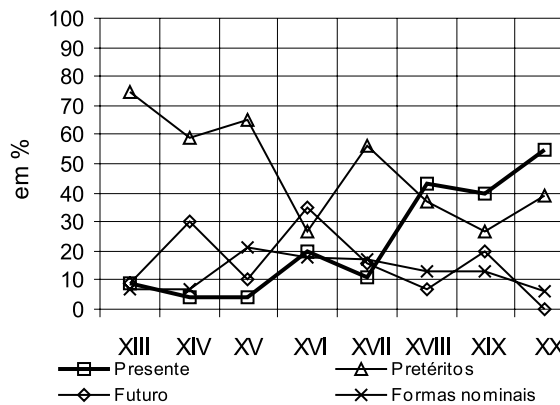


Figura 5 – Expressão de tempo morfológico de 'achar' (século XIII a XX)

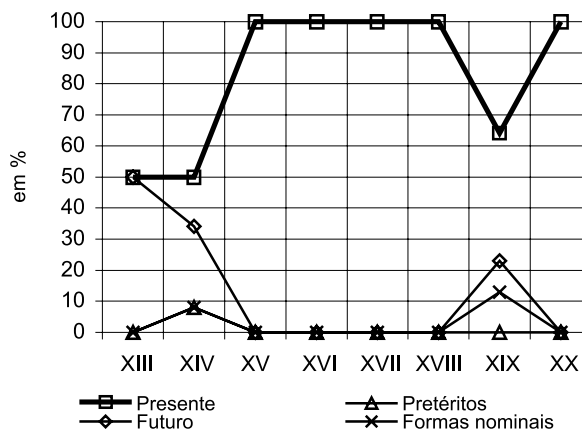


Figura 6 – Expressão de tempo morfológico de 'crer' (século XIII a XX)

Considerações finais

Numa reinterpretação de dados sobre a gramaticalização de dois tipos de construções com predicados de atitude proposicional de natureza sintática diferente (GONÇALVES, 2003), reafirmando suas trajetórias de mudança, mostrei nesse artigo uma análise que considera conjuntamente tanto propriedades da construção matriz quanto da construção encaixada. Procurei, neste passo, oferecer evidências para as causas/motivações que levam à mudança das construções matrizes no seu funcionamento como satélite atitudinal da oração independente em que passa a atuar.

A existência de uma integração fraca entre os dois tipos oração matriz e suas respectivas orações encaixadas é comprovada por recurso aos seguintes parâmetros: (i) referência temporal independente; (ii) restrição do escopo de negação ao conteúdo da oração encaixada; (iii) restrições de tempo, modo, pessoa e número da oração matriz; (iii) perda de complementizador; e, (iv) perda de propriedades de seleção de constituintes (redução valencial). Confirmando esses critérios, recorri a dois parâmetros que aferem a integração de orações: (i) a dessentencialização da oração encaixada; e (ii) a gramaticalização do predicado matriz, tendo constatado que os critérios propostos para a análise da redução da oração encaixada aplicam-se com mais consistência à gramaticalização da oração matriz formada pelos predicados atitudinais. Essa constatação me conduziu à conclusão de que, mesmo nesse caso, os critérios que se aplicam à oração encaixada são válidos também para a oração matriz, uma vez que tanto um conjunto de critério quanto o outro levam ao mesmo resultado: a redução de oração. Sob tal interpretação, advogo ainda que, ao mesmo tempo em que as construções com predicados atitudinais se recategorizam como satélites atitudinais (gramaticalização, portanto), elas também se dessentencializam, incorporando-se

como constituinte não-argumental da oração que modificam, a qual de complemento, passa a independente. Fica, no entanto, em aberto a questão da relação de causa-efeito entre dessentencialização e gramaticalização.

Como entendimento mais geral para o modo funcionalista de conceber a linguagem, resultados convergentes para construções com predicados matrizes que, sintaticamente, funcionam de modo diferente legitimam a premissa da prevalência da pragmática sobre a semântica e da semântica sobre a sintaxe.

Abstract

*Two types of constructions with matrix predicate were selected (**parecer** and **achar/crer**) to show their tendency to grammaticalization and desentencialization, as they, detaching from their embedded clause, decategorize themselves like attitudinal satellites. These constructions differ from each other in relation to argument status of embedded clause (subject and complement) and they resemble each other, as they codify the speaker's subjective attitudes (evidentiality/epistemic modality). This syntactic shifting affects complex construction, turning it from biclausal into monoclausal.*

Keywords: matrix clause; grammaticalization; desentencialization; parenthetical.

Referências

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. 4.ed. Campinas: Pontes, 1991.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B., JANDA, R. (Ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. Main clause are innovative, subordinate clauses are conservative: consequences for the nature of constructions. In: BYBEE, J., NOONAN, M. (Ed.). *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor to Sandra A. Thompson*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 1-17.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao "desgarramento". *Scripta*, [S.l.], v. 5, n. 9, p. 104-118, 2001.

DIK, Simon. *The theory of functional grammar*. Part 2: Complex and derived constructions. 2.ed. N.Y.: Mouton de Gruyter, 1997.

DIK, Simon. et al. The hierarchical structure of the clause and the typology of adverbial satellites. In: NUYTS, J.; BOLKSTEIN, A.M.; VET, C. (Ed.). *Layers and levels of representation in language theory*. Amsterdam: John Benjamins, 1990, p. 25-70.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade*. 2003. 250f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

HOPPER, Paul.; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JUBRAN, Clélia. Para uma descrição textual-interativa das funções parentéticas. In: KATO, M.A. (org.) *Gramática do Português Falado*. V: Convergências. 2.ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2002a, p. 343-358.

_____. Parênteses: propriedades identificadoras. In: CASTILHO, A.T., BASÍLIO, M. (Org.). *Gramática do português falado*. IV: Estudos descritivos. 2.ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2002b, p. 405-416.

KATO, Mary; MIOTO, Carlos. A inexistência de sujeitos oracionais. *Laços*, Rio de Janeiro, p. 61-90, 2000.

LEHMANN, Christian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S.A. (Ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 275-330.

MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da língua portuguesa*. 4.ed. Lisboa: Caminho, 1989.

NOONAN, Michael. Complementation. In: SHOOPEN, T. (Ed.) *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 43-140.

TARALLO, Fernando (Org.). *Córpus diacrônico do português*. Campinas, SP: [s.n.], 1991. Mimeo.

THOMPSON, Sandra. 'Object complements' and conversation: towards a realistic account. *Studies in Language*, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 125-163, 2002.

THOMPSON, Sandra; MULAC. Anthony. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parenthetical in English. In: TRAUGOTT, E.C.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 313-29.

TRAUGOTT, Elizabeth. From subjectification to intersubjectification. In: WORKSHOP SOBRE PRAGMÁTICA HISTÓRICA/CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, 14., Vancouver, jul. 1999, 10 p. *Anais*. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/papers/subject2intersubject.pdf>>. Acesso em: set. 2002.

TRAUGOTT, Elizabeth. On the rise epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language*, [S.l.], v. 65, n. 1, p. 31-55, 1989.

_____. Promise and pray-parenthetical. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON ENGLISH HISTORICAL LINGUISTICS, 11., Santiago de Compostela, 2000. *Anais...* Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~traugott/ect-papersonline.html>>. Acesso em: nov. 2003.

TRAUGOTT, Elizabeth; DASHER, Richard. *Regulatory in semantic change*. Cambridge: CUP, 2001.

WILLET, Thomas. A cross-linguistic survey of evidentiality. *Studies in Language*, [S.l.], n. 12, v. 1, p. 51-97, 1988.